



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ADRIANA GOMES DE LIMA CAVALCANTI

**SEXUALIDADE INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE
PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

JOÃO PESSOA

2017

ADRIANA GOMES DE LIMA CAVALCANTI

**SEXUALIDADE INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE
PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para grau de licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Nádia Jane de Sousa.

João Pessoa

2017

C376s Cavalcanti, Adriana Gomes de Lima.

Sexualidade infantil: concepções e práticas de professoras da educação infantil / Adriana Gomes de Lima Cavalcanti. – João Pessoa: UFPB, 2017.
52f.

Orientadora: Nádia Jane de Souza
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Sexualidade infantil. 2. Educação infantil. 3. Pedagogo – papel.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.2(043.2)

ADRIANA GOMES DE LIMA CAVALCANTI

**SEXUALIDADE INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE
PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

APROVADA EM: 28 / 11 / 2017

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Nádia Jane de Sousa

Orientadora

Profa. Dra. Elzanir dos Santos

Profa. Dra. Jeane Felix da Silva

João Pessoa

2017

“Dedico este trabalho a minha família, em especial, aos meus queridos pais, o Prof. Edson Severiano de Lima (In Memoriam) e Gerlândia Gomes de Lima, que amo muito. Juntos me trouxeram ao mundo e sempre estiveram do meu lado em todos os momentos da minha vida. Tenho certeza que estão muito felizes com minha vitória, em especial o meu pai que de onde estiver, acredito que está muito feliz com minha conquista”.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por estar sempre presente em minha vida, abençoando, protegendo e dando forças para seguir em frente, sem ele eu não teria chegado até aqui.

Ao meu marido Luciano, por seu amor, apoio, dedicação e paciência.

Aos meus filhos Adriely e Edson, que amo mais que tudo. Agradeço por todo o apoio, incentivo e paciência, vocês são minhas bênçãos de Deus.

À minha irmã Cláudia, que sempre me incentivou, apoiou e ajudou inclusive nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora Nádia Jane de Sousa, por sua paciência comigo, força, apoio e por acreditar no meu potencial para desenvolver este trabalho.

Às professoras Jeane Félix e Elzanir dos Santos, por aceitarem o convite para participar da minha banca, reservando um pouco do seu tempo precioso para assistir e avaliar o meu trabalho.

Às professoras que contribuíram com a minha pesquisa respondendo o questionário.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente me ajudaram de alguma forma na realização deste sonho.

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a sexualidade das crianças na pequena infância, tema bastante relevante, mas rodeado de tabus e receios por parte de muitas educadoras e também das famílias. Em parte, isso se deve à falta de informação ou mesmo por informações equivocadas que se tem sobre o tema. Diante disso, surgiu a questão que norteia esse trabalho: qual a concepção de sexualidade de professoras da Educação Infantil? Para buscar compreender tal questão, foram realizadas leituras traçando uma breve discussão acerca da sexualidade humana e a sexualidade infantil, assim como, foram realizados diálogos com autores que discutem sobre o papel do pedagogo diante do processo de desenvolvimento da sexualidade na pequena infância. Como percurso metodológico, o trabalho utilizou uma abordagem qualitativa, com a coleta de dados realizada através de questionários, tendo como sujeitos, seis professoras de escolas públicas e privadas da grande João Pessoa. Ao final, com a análise de dados, evidenciou-se que as professoras que participaram deste estudo apresentam um bom nível de conhecimento acerca do tema da sexualidade infantil e também acreditam que as crianças tem sexualidade. Conclui-se que a sexualidade é inerente à vida e já nascemos com ela, sendo desenvolvida aos poucos, recebendo forte influência da convivência com a família e o meio sociocultural ao qual está inserido. A pesquisa realizada poderá servir de base para estudos futuros, tendo em vista que se trata de uma temática bastante pertinente na área de educação.

Palavras-chaves: Sexualidade Infantil; Educação Infantil; Papel do Pedagogo.

ABSTRACT

The present study speaks of children's sexuality during their early childhood, which - despite being an extremely relevant theme - is still surrounded by a great deal of taboo and misgiving by the educators and also of families. For the most part, this is due to the lack of information or even some misconceptions concerning the aforementioned subject, which prompted the question that leads the project: what is the conception of sexuality for the teachers of Primary School? In order to seek understanding for such question, we did some readings outlining a brief discussion about human and children's sexuality and engaged in dialogues with authors who discuss the role of the educators in the development of the latter. As a methodological path, the study used a qualitative approach, collecting data through survey forms which were answered by six teachers from public and private schools in the metropolitan area of the city of João Pessoa. In the end, through the data analysis, it was highlighted that the teachers who took part in the survey presented a good level of knowledge of the theme regarding children's sexuality and held the belief that children do manifest their sexuality. We were led to the conclusion that sexuality is a phenomenon which is inherent to life and people are born with, being slowly developed overtime and suffering great influence from the family and the sociocultural environment in which the individual is inserted. This research can serve as basis for future studies, bearing in mind it is a theme of utmost relevance in the area of Education.

KEY WORDS: Children's Sexuality; Children's Education; The Educator's Role

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 –CONSIDERAÇÕES ACERCA DA SEXUALIDADE HUMANA.....	11
2 – A SEXUALIDADE INFANTIL: O SURGIMENTO, O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E A DESCOBERTA DO GÊNERO.....	15
2.1 – Desenvolvimento psicosssexual infantil.....	19
2.2 – Concepções e descoberta do gênero.....	20
3 – PAPEL DO (A) PEDAGOGO (A) ACERCA DA SEXUALIDADE INFANTIL.....	23
4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
4.1 - Tipo de pesquisa.....	28
4.2 – Instrumentos e sujeitos da pesquisa.....	28
4.2.1 - Identificação das professoras da escola particular.....	29
4.2.2 – Identificação das professoras da escola pública.....	29
4.3 – Campo de pesquisa.....	29
4.3.1 - Escola particular.....	29
4.3.2 – Escola pública.....	30
4.4 – Análise de dados.....	30
4.5 – Quadros comparativo de dados coletados.....	30
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICES.....	48

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vem abordar um tema bastante pertinente e delicado ao mesmo tempo: se trata da sexualidade das crianças na primeira infância, ou seja, daquelas que estão na Educação Infantil. Para muitos profissionais existe certa dificuldade com o assunto devido à falta de conhecimento do mesmo ou ao tabu que envolve o tema, pois, em sua maioria, as pessoas acreditam que falar de sexualidade é o mesmo que estar falando sobre sexo, tendo em vista que são duas coisas distintas. A Sexualidade está ligada aos sentimentos e a cultura e não ao sexo propriamente dito; partindo deste entendimento, se faz necessário bastante estudo acerca dessa temática, para um melhor esclarecimento.

A sexualidade, pois, mesmo nos tempos atuais, ainda é um assunto bastante evitado e rodeado de dúvidas, e na educação não poderia ser diferente. Os profissionais em educação estão a todo o momento vivenciando manifestações da sexualidade infantil, situações que os deixam, por vezes, impotentes, ou sem saber o que pensar ou falar. Eu, como estudante de Pedagogia, passei por situações semelhantes enquanto realizava meu estágio na Educação Infantil. Essas vivências me fizeram refletir sobre o tema e como consequência surgiu o interesse em aprofundar sobre o assunto. Então, como futura pedagoga percebi a importância de saber e ampliar os meus conhecimentos sobre a sexualidade infantil, para aprimorar minha prática pedagógica no trato com tal problema.

Então, meu tema procura esclarecer o conceito da sexualidade infantil, trazendo a discussão acerca desta questão através de vários autores, assunto que por vezes causa dúvidas e contradições quanto a sua concepção no meio educacional. Sendo assim, procuro desenvolver nesse trabalho a seguinte problemática: qual a concepção de sexualidade das professoras da Educação Infantil?

Diante da questão acima, o meu objetivo geral é analisar a concepção das professoras sobre a sexualidade infantil. Ainda nos objetivos, especificamente: identificar o conceito de sexualidade de professoras da Educação Infantil; obter relatos vividos por elas junto aos alunos nesse processo de descoberta e descrever situações vivenciadas pelas professoras relativas à questão da sexualidade entre crianças da Educação Infantil.

Para realizar a minha pesquisa executei uma pesquisa de campo, na qual realizei um questionário com seis professoras da Educação Infantil, sendo três de escola pública

e três de escola particular, seguida da elaboração de uma análise dos dados fornecidos e dos resultados obtidos com a referida pesquisa.

Para a apresentação desse trabalho, o mesmo está assim organizado: no primeiro capítulo apresento alguns aspectos históricos e conceituais acerca da sexualidade humana.

No capítulo dois destaco a sexualidade infantil, a partir do seu surgimento, trazendo breve discussão sobre o desenvolvimento psicosssexual da criança na pequena infância, assim como, o conceito e o processo de descoberta do gênero pelos pequenos.

Continuando, no capítulo três discorro acerca do papel do Pedagogo (a) diante do desenvolvimento da sexualidade da criança.

Então no capítulo quatro, é traçado o percurso metodológico da pesquisa, no qual se encontram todos os dados coletados, a análise dos mesmos, assim como, os resultados obtidos. Por fim, no capítulo cinco encerro com as considerações finais do referido trabalho.

Espero com esta pesquisa, colaborar com os profissionais em educação e outras pessoas interessadas no tema, produzindo ou expandindo os seus conhecimentos com relação à sexualidade infantil.

1 – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA SEXUALIDADE HUMANA

A palavra sexualidade surgiu na área biológica em 1838, no Dicionário de Petit Robert e somente em 1905, Freud fez uso dela em sua obra Três conferências sobre a sexualidade (ALENCAR, 1997). A sexualidade faz parte da vida de todos (as) nós, se apresentando através de valores, pudores, conceitos, vivências e também podendo surgir de variadas formas no percurso da vida. Não esquecendo que o olhar, o toque, a afetividade, as relações interpessoais e o carinho, também estão inseridos na sexualidade. Freud entendia que a sexualidade tinha ligação direta com o amor, a amizade, entre outros:

Em psicanálise, o conceito do que é sexual abrange bem mais; ele vai mais abaixo e também mais acima do que seu sentido popular. Esta extensão se justifica geneticamente; nós reconhecemos como pertencentes à “vida sexual” todas as atividades dos sentimentos ternos que têm os impulsos sexuais primitivos como fonte, mesmo quando esses impulsos se tornaram inibidos com relação a seu fim sexual original, ou tiveram de trocar esse fim por outro que não é mais sexual. Usamos a palavra “sexualidade” no mesmo sentido compreensivo que aquele em que a língua alemã usa a palavra *lieben* (amar) (FREUD, 2006, v. XI, p. 234).

A sexualidade, portanto, está ligada ao amor, ao carinho e à relação amorosa, não se detendo apenas ao sexo, no sentido meramente de ato sexual ou definição biológica (sexo feminino ou masculino), como comumente se apregoa. Lopes (2001, p. 60) reforça essa afirmação, declarando que “deixa de ser aqueles poucos centímetros de nosso corpo para se projetar num corpo total, real e fantasioso”. Seguindo o mesmo raciocínio, Chauí (1984, p. 17), declara que:

a sexualidade não se reduz aos órgãos genitais, porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital.

Discorrendo sobre a sexualidade, Foucault (1984) faz uma observação à mesma como uma experiência histórica única, que se estabelece a partir do modo como funciona o controle da sexualidade na história. A conduta sexual é formada com o domínio de uma prática moral, em que a dominação dos prazeres e das práticas de si é imprescindível.

Para Foucault (1984), o sujeito se concebe como sujeito moral através da sexualidade. Sendo assim, o autor não aceita a repressão da sexualidade pelo sistema e afirma que a sociedade capitalista relaciona prazer ao poder. Desta forma, a sexualidade é um tema existente na sociedade, ligada diretamente às questões morais e sociais, sendo assim, é rodeado de controvérsias e polêmicas. Nunes (1987, p.23) explica que “[...] a sexualidade é sempre uma área de saber e de investigação essencialmente polêmica, visto envolver-se com elementos de ordem religiosa e ética de diferentes conotações e universos sociais ou subjetivos”.

A sexualidade, portanto, é característico do ser humano e está presente desde que nascemos. Segundo Suplicy (1999), “nascemos todos seres sexuais; no bebê a sexualidade é tão espontânea como a capacidade de sugar o seio materno ou a mamadeira e mais tarde, andar e falar” (SUPLICY, 1999. p.18). Sendo assim, é de suma importância à vida do homem, fazendo-se necessário o seu conhecimento.

Atualmente, o tema sexualidade vem se destacando e se tornou área de estudos e pesquisa. Porém, ainda não é o bastante, pois mesmo assim, ainda existem pessoas que não aceitam que a criança é um ser sexuado. Nunes e Silva (2000, p. 83) através da teoria de Freud, explicam que a criança já nasce com instintos sexuais:

[...] A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Ela traz consigo para o mundo, e deles provêm. Através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto. Não são difíceis de observar as manifestações da atividade sexual infantil; ao contrário, deixá-las passar despercebidas ou incompreendidas é que é preciso considerar-se grave (FREUD apud NUNES e SILVA 2000, p.46).

Para entendermos a sexualidade infantil, antes de qualquer coisa, se faz necessário entender que sexo e sexualidade são diferentes. Sexo se concerne ao biológico trazendo a ideia do gênero masculino e feminino, reprodução e capacidades instintivas, enquanto que a sexualidade é uma particularidade determinada pela convivência cultural e seu traçado histórico. Segundo Nunes e Silva (2006, p. 73) “A sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas”.

Nesse sentido, o conceito de sexualidade é bastante amplo, pois está ligado diretamente à razão e aos sentimentos, estando entrelaçado à cultura em que se está inserido, pois cada sociedade tem sua referência de padrão sexual. Assim, a sexualidade se desenvolve de acordo com as experiências de cada pessoa, ou seja, é algo pessoal e

tem ligação direta com o desenvolvimento da criança, trazendo emoções, sensações, sentimentos, além de transformações sofridas pelo tempo:

A sexualidade é uma coisa natural nos seres humanos, é uma função como tantas outras. Frequentemente estimulamos a evolução de nossos filhos em vários aspectos (comer sozinhos, andar, ler...), mas com a sexualidade somos cuidadosos e até mesmo preconceituosos (ROCHE, 2008).

Sendo assim, entende-se que a primeira educação sexual, vem justamente da família, baseada na cultura e na sociedade que se vive (RIBEIRO, 2004). Segundo Maia e Ribeiro (2004), esta mesma educação sexual trazida de forma natural, se dá através de diversos espaços, como a mídia e a religião, determinando assim, a construção dos valores morais e sexuais dos sujeitos por toda a sua vida.

Foucault (1984) afirma que o prazer é algo natural e ativo do indivíduo, pois se a natureza o fez dessa maneira foi em virtude da reprodução e de suas ânsias. O ser humano vivencia uma busca contínua pelo prazer, assim também é a criança em suas manifestações da sexualidade.

Segundo consta no documento Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (1998, p. 17), o desenvolvimento da sexualidade é marcado cultural e historicamente, de acordo com cada sociedade, resultando em normas que concebem o comportamento sexual do indivíduo.

A sexualidade não se desenvolve de forma padrão para todos, ela é exclusiva para cada pessoa:

A sexualidade se apresenta na vida das pessoas de maneira única. Associa-se a ideias e sensações de amor, prazer, afetividade e autoestima, porém é tratada como um assunto proibido e constrangedor, desenvolvendo-se assim pouca afinidade com a sua própria sexualidade (MANGOLD, et.al, 2008, p. 04).

Freud (apud BOCK, 2002, p, 229), através de seu trabalho na área de Psicologia, declara que a sexualidade humana inicia seu desenvolvimento bem cedo, após o nascimento. Na época, esta declaração causou bastante discussão, pois se acreditava que tudo começava na puberdade, já que era uma fase de grandes mudanças hormonais. Porém, Freud (apud BOCK, 2002) afirma que essa sexualidade tão precoce não tem nenhum caráter genital, esse processo demonstra apenas uma construção do desejo, que num futuro próximo passará a ser uma necessidade sexual; então, durante esse

desenvolvimento podemos chamar de sexualidade, e somente com a consolidação da ideia mais exata do desejo é que podemos utilizar o termo sexo.

Para Nunes, (1987), a sexualidade está ligada à História da humanidade, sua formação se dá com o passar do tempo, com o trabalho humano, ou seja, o homem se produz, faz história e modifica a sociedade. Sendo assim, a sexualidade não pode ser pensada somente pela ordem biológica. Inteirando a afirmação de Nunes, segundo consta nos documentos parâmetros curriculares nacionais discorrem seu conceito de sexualidade.

A sexualidade humana, mais do que o ato sexual e a reprodução, abrange as pessoas, seus sentimentos e relacionamentos. Implica aprendizados, reflexões, planejamentos, valores morais e tomadas de decisão. A sexualidade é uma energia forte e mobilizadora, uma dimensão da expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade (CAMARGO, 1999, p.50).

Assim, a sexualidade além de seu papel na reprodução está conectada diretamente à busca do prazer e tem bastante relevância no desenvolvimento e no psicológico de cada pessoa, se manifestando de formas distintas de acordo com cada fase da nossa vida, ou seja, é construída ao longo da vida e amplamente marcada pelo contexto cultural do indivíduo de forma singular. Então, para entendermos a sexualidade de cada indivíduo, é preciso conhecer e analisar a interação do mesmo com a realidade vivida.

Por fim, através das concepções aqui retratadas, ficou evidente que a sexualidade está ligada à cultura, aos sentimentos e não ao sexo propriamente dito, se desenvolvendo aos poucos através da convivência com a família e sua cultura, sendo imprescindível na vida do homem. Sendo a sexualidade inata e intrínseca, entende-se que se faz necessário uma breve discussão também acerca da sexualidade infantil. Para tanto, conduzo o próximo capítulo adentrando ao tema.

2 – SEXUALIDADE INFANTIL: DO SURGIMENTO À DESCOBERTA DO GÊNERO

No século XIX, o neurologista austríaco Sigmund Freud trouxe uma excelente contribuição para a ciência com a criação e o estudo da psicanálise, dando início às discussões e ao estudo acerca da sexualidade humana e mais especificamente, da sexualidade infantil. Freud “foi o primeiro a considerar com naturalidade os atos e efeitos sexuais das crianças, como a ereção, masturbação e mesmo simulações sexuais, sendo ele quem mais se preocupou com a questão do estudo da sexualidade” (SILVEIRA, 2010, p.77).

A sociedade daquela época acreditava que o instinto sexual não existia na infância e que só se desenvolveria na puberdade, porém, Freud ressaltava que este pensamento era totalmente equivocado, podendo repercutir seriamente, já que segundo a sua teoria, deve-se a essa afirmação a nossa falta de conhecimento referente às condições essenciais da vida sexual. Até aquele momento, não houve nenhum autor que reconhecesse o instinto sexual das crianças, mas Freud enfatizou que a criança possuía libido, sendo esta “como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformação ocorrente no âmbito da excitação sexual” (FREUD, 2006, apud SILVEIRA, 2010, p. 80).

Essas considerações citadas por Freud no parágrafo anterior causaram grande alvoroço e ao mesmo tempo grande indignação na população vienense e posteriormente no mundo inteiro, ao declarar que toda criança é provida de uma sexualidade subjetiva, composta por fases que vão desde o nascimento até a idade madura. Afirmou também que se a sexualidade da criança for desenvolvida baseada em repressão, vergonha, constrangimento e medo, corre o risco desse processo de desenvolvimento ser bloqueado, sendo esta a causa da neurose na vida adulta.

Para entendermos as condições da sexualidade infantil é indispensável saber que o ser humano já nasce com a sua sexualidade e ela se desenvolve através da convivência com os pais e a família e com o passar do tempo; a mesma vai se revelando de várias formas e se institui por meio deste convívio com o/os outro/os, concebendo-se através de modelos desenvolvidos no decorrer da sua história, considerada “como expressão plena da identidade humana” (BONFIM, 2009), tornando-se única em cada ser.

No entendimento de Figueiró (2006), a sexualidade é a união do sexo, afeto, carinho, prazer, amor, gestos, toques, intimidade, valores e regras morais existentes em cada cultura com relação à conduta sexual.

Está evidente que a sexualidade é construída socialmente, porém, envolta em muitas contradições e discussões; então, concordo com Nunes (1987, p.23) quando afirma que “[...] a sexualidade é sempre uma área de saber e de investigação essencialmente polêmica, visto envolver-se com elementos de ordem religiosa e ética de diferentes conotações e universos sociais ou subjetivos”.

Segundo Nunes e Silva (2000), a sexualidade se estabelece de acordo com o modelo social vivenciado e se estrutura de acordo com a cultura e a sociedade em que o indivíduo está inserido, marcando sua expressão da sexualidade por valores que muitas vezes são repressivos e normativos. Tais modelos podem surgir “da vida real” ou “simbólica”. As pessoas aprendem através de modelos, assim também são as crianças.

[...] entende-se por modelação o processo de aquisição de comportamentos a partir de modelos, seja este programado ou incidental. Também se nomeia como modelação a técnica decodificação de comportamento com o uso de modelos (BANDURA, 2008, p. 124).

Segundo Arcari (2012), antes de nascermos o nosso corpo já carrega a sexualidade e ela não se detém ao sexo em si e nem aos órgãos genitais. A sexualidade é composta de várias outras sensações, podendo ser percebida apenas como curiosidade, podendo surgir como um desejo de amar, ser amado e valorizado (BRITZMAM, 1998, p.162).

A criança inicia a aquisição das primeiras informações sobre sexualidade, verbais ou não verbais, através de suas observações e vivências com a família, pois as crianças tem uma excelente percepção das ações e intenções que acontecem a sua volta. Confirmando o que foi escrito,

[...] como em todos os aspectos de sua vida, a criança aprende mais observando e copiando as atitudes dos pais ou figuras substitutas do que obtendo informações tiradas dos manuais, sem nenhuma confirmação tirada na prática diária (SOUZA e OSÓRIO, 1993, p.13).

Como explica Mangold et.al.(2008), a sexualidade é parte essencial na formação do indivíduo, e conseqüentemente, a criança aprende sobre o seu corpo através dela. Assim sendo, é preciso observar e respeitar o desenvolvimento da criança neste sentido.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (1975) apud Egypto (2003):

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico (OMS, 1975, apud EGYPTO, 2003, p. 15 e 16).

Atualmente, a percepção de infância que se tem é que a criança é um sujeito ativo na sociedade, na família e na escola, sendo extremamente produtiva e transformadora, encontrando-se em constante mudança (VASCONCELLOS, 2007). De acordo com o documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998. P, 17) – formação pessoal e social: “a sexualidade tem grande importância no desenvolvimento na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos”.

Sendo assim, sexualidade é tudo o que se relaciona com o próprio corpo e o seu conhecimento através da experimentação, que com relação às crianças, tudo acontece por simples curiosidade vinculada a muitas coisas, inclusive ao próprio corpo, não configurando “maldade”¹; esse sentimento malicioso vem da visão preconceituosa e erotizada do adulto, sendo totalmente previsível que se conheça e se experimente, satisfazendo a sua curiosidade.

É assim que por volta dos três a cinco anos, se inicia a curiosidade infantil com o querer saber e também, com indagações sobre as questões sexuais (FREUD, 2006, apud SILVEIRA, 2010). Sabendo que a criança geralmente só questiona quando confia, então devemos responder à criança, com clareza e exatidão para que essa confiança não seja perdida, já que as crianças em certos momentos já sabem as respostas e querem apenas saber se nós estamos inteirados (SILVA, 2004).

¹ Expressão coloquial usada para expressar a malícia presente nas práticas relativas à sexualidade.

Partindo da necessidade de conhecer, a criança inicia um processo de investigação, buscando explorar o meio e seu próprio corpo,

A interação ativa da criança com o espaço, com os outros e com os objetos permite-lhe conhecer a realidade e a própria identidade. A criança se desloca manipula, age. [...] movimento e ação são a base para a formação da personalidade e incidem na forma de assimilar o mundo, representá-lo e participar dele (BATISTA, 2008, p. 89).

É diante desta descoberta que a criança constrói a sua identidade e descobre o seu corpo, passando a examiná-lo, tendo como resposta a manifestação da sexualidade, que segundo as teorias Freudianas, são manifestações e desejos naturais que ocorrem sem nenhuma finalidade, reforçando a importância da educação sexual, especialmente com as crianças da Educação Infantil, que é onde se inicia todo o processo. Nessa mesma perceptiva, para Nunes e Silva (2006, p.77),

[...] a manipulação dos órgãos genitais, que se organiza ao redor dos três ou quatro anos, é uma das mais intensas descobertas infantis. A manipulação dos órgãos genitais proporciona intensa experiência de prazer para a criança. Não se trata de uma busca intencional, daí se absolutamente ridículo e descabido reprimi-la como "masturbação" ou perversidade.

As crianças manifestam a sua sexualidade em diferentes espaços sociais e em situações distintas, já que elas protagonizam sensações prazerosas em diversas situações, como na troca de fraldas, durante o banho, curiosidades sobre o beijo e o corpo, fazendo surgir à percepção das diferenças entre ela e o outro, se descobrindo menino ou menina. Devido as diferentes convivências com novas experiências, surgem novas dúvidas com relação ao seu desenvolvimento e o de outras crianças. Tais processos sociais instigam no entendimento e vivência da sexualidade, por se tratar de um processo extenso e indefinido de conhecimento do seu corpo e do mundo ao seu redor (NUNES & SILVA, 2000).

Com relação à curiosidade, as crianças geralmente têm comportamentos semelhantes. Esta fase bastante incompreendida pelos educadores e educadoras gera muitos enganos na relação do adulto com as crianças, resultando em omissões e até punições. Essas questões das crianças com relação à origem dos bebês ou as diferenças sexuais anatômicas que existe entre o seu corpo e dos colegas, são ligadas apenas à curiosidade, não existindo ainda a consciência genital da sexualidade (FREUD, 1908).

Cabe as famílias, educar sexualmente e a escola deve se incumbir a orientar, com respeito aos valores, crenças e culturas de cada família.

(...) o papel da escola é abrir espaço para que essa pluralidade de concepções, valores e crenças possa existir; não compete á escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece, antes, caberá á escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias (GAMBALE, 2004 p.144).

É nesse sentido que a sexualidade se destaca como responsável pela construção mais profunda do ser humano, pois está ligada à história de vida, sentimentos, muitas vezes sentidos através de fantasias, pensamentos e relacionamentos. Tem vínculo direto com a vida, por se basear na felicidade humana como o exercício do prazer e amor.

O nosso corpo como instrumento histórico, está sujeito a mudanças ao longo do tempo e as particularidades de cada sociedade, que especificam conceitos corporais e da sexualidade humana, sendo também fonte de prazer e desprazer, o que faz emergir emoções advindas do afeto e de desejos, assim como, meio de comunicação capaz de difundir sentimentos, experiências, ideias, fazendo externar como a sexualidade é vivida, sentida e simbolizada (MASTERS, JOHNSON & KOLODNY, 1988).

Para entender que a criança é um ser sexualizado, é necessário não apenas conhecimento sobre a sexualidade infantil, mas, atitudes que possam evitar dúvidas, conflitos e orientações equivocadas para as crianças, pois a sexualidade é uma força determinante no desenvolvimento da sua felicidade.

Enfim, com a declaração de Freud que as crianças são seres sexuais e providos de libido, se faz necessário compreendermos que já nascemos assim e que com o tempo vamos evoluindo de maneiras distintas até a maturidade e que a sexualidade dos pequenos tem seu ponto de partida com a convivência em família, sendo fortemente marcada pela sua cultura. A criança demonstra a sua sexualidade sem nenhuma culpa ou receio, pois não é intencional e nem com fins sexuais, ela apenas quer sentir prazer, satisfação, sentimento, amor e quer ser compreendido neste momento de descoberta.

2.1 – O desenvolvimento psicosssexual da criança

A criança está sempre em desenvolvimento, e até os seis anos há uma explosão de mudanças e descobertas. Dentre elas a sexualidade, que além de ser inata, é de suma importância no seu desenvolvimento, surgindo naturalmente. Esta, sem nenhuma

intenção, por pura curiosidade, quer apenas sentir o que acontece ao toque, deixando que a sua sexualidade transpareça sem medo, sem preconceito ou constrangimento.

Desse modo, a criança em seu desenvolvimento tem que lidar com o desejo e terá que aprender a vencer os obstáculos existentes para atingi-lo, em uma busca prazerosa na qual a sexualidade encontra-se fortemente ligada às atividades do ser, permitindo diversas aprendizagens (MARCONDES, 1992).

Segundo Nunes (2000), as contribuições de Freud são de suma importância para se abordar cientificamente o desenvolvimento infantil. Então, para Freud o desenvolvimento da sexualidade da criança se dá em cinco etapas, com vivências diferenciadas apenas pelos órgãos ou objetos que as crianças buscam sentir prazer, a saber:

- A fase oral, que vai de 0 a 2 anos, a criança tem a boca como fonte de prazer, onde se satisfaz em toda a atividade oral. Segundo Freud (1982) “estas atividades são primeiramente sensoriais e que a satisfação encontrada nesta cristaliza-se a partir da “libido”, entendida como energia psíquica que perpassa toda a educação social da criança”;
- A fase anal acontece entre 2 e 3 anos e se faz presente com o controle dos esfíncteres anal e da bexiga, onde o prazer da criança está ligado ao fazer o cocô e o xixi, toda a sua libido está voltada para a região do ânus. Para Freud, o comportamento sexual dessa criança dependerá de como ela passou essa fase, se sentiu gratificada por ela fazer o seu cocô ou xixi ou se ao contrário, foi demonstrada uma repulsa por parte dos pais, sinalizando que o que ela fez é sujo;
- A fase fálica, que compreende entre os 3 e 6 anos, é a fase do reconhecimento das diferenças e de seus órgãos sexuais, também marcada pela manipulação dos seus órgãos e a descoberta de que essa manipulação traz prazer.

Existem ainda duas fases referenciadas por Freud a qual não iremos nos deter, até porque o nosso estudo transcorre até os 6 anos, mas as fases são: a fase da latência que se dá dos 6 aos 10 anos e a fase genital que tem início a partir dos 10 anos.

2.2 – A concepção e descoberta do gênero

Segundo Joan Scott (1995, *apud* FINCO, 2003), o gênero é parte que forma as relações sociais, diretamente ligadas às diferenças entre os sexos, favorecendo o

conhecimento do seu significado. É necessário buscar saber mais sobre as diferenças sexuais e seus conceitos. Enfim, o autor explica que “gênero pode ser entendido como a organização social da diferença sexual”.

Para Ré (2007), o gênero está ligado diretamente a normas, personalidade, comportamentos, relações sociais e atividades que diferenciam homens de mulheres. Desta forma, a autora ainda afirma que sexo é uma condição biológica e o gênero cultural, sendo importante uma discriminação entre sexo e gênero.

Para Finco (2003), as crianças tem capacidade de estabelecer ligações e estão sempre abertas a novidades, brincadeiras novas, novos prazeres, desenvolvendo uma necessidade de desvendar o mundo ao seu redor, simplesmente impulsionadas pela curiosidade. Em suas descobertas, elas não se utilizam de ideias sexistas, pois isso ainda não existe para elas, tendo espaço apenas na visão dos adultos, pois, são estes que esperam que as meninas tenham um comportamento doce e quieto, enquanto que os meninos se comportem com inquietação e impulsividade.

As crianças, durante o seu desenvolvimento, começam a notar que as pessoas são diferentes, que existem mulheres e homens, bem como meninos e meninas e ainda, demandas diferentes para cada um. Elas descobrem através da observação do próprio corpo e comparando-o com os outros que existem dois tipos distintos. Com o tempo, os/as pequenos/as começam a entender melhor o feminino e o masculino, permitindo que eles/elas tenham uma percepção maior das diferenças. Assim, Cordeiro (2012), considera que o processo de diferenciação é uma das primeiras identificações que as crianças exercem.

Assim, o desenvolvimento da sexualidade na vida das pessoas acontece de forma gradual e única e esse tema ainda é tratado de maneira preconceituosa. Muitas crianças recebem uma educação sexual informal, muitas vezes, com informações distorcidas ou até mesmo não as recebem, gerando uma curiosidade que acaba resultando numa busca de informações sem o auxílio da família, desenvolvendo um conhecimento escasso com a temática e também com o seu próprio corpo (PANTONI, PIOTTO, & VITORIA, 1998).

Por fim, os temas sexualidade e gênero ainda são rodeados de muito tabu, receio e preconceito, sendo ao mesmo tempo carregadas de concepções confusas e desencontradas. As crianças se desenvolvem sem se preocuparem com o gênero, pois é algo que eles/elas não conhecem e é por meio da cultura praticada no cotidiano familiar e social que os pequenos conhecem a ideia sexista de “menino” ou “menina”. Sendo

assim, aos poucos, eles começam a perceber e entender as diferenças entre eles/elas, resultando na curiosidade por seus corpos e dos outros colegas, ocasionando situações onde a sexualidade fica evidente, cabendo ao educador atuar orientando sem provocar constrangimentos aos pequenos. Então, no próximo capítulo discorro acerca do papel do pedagogo, a luz de teóricos que tratam do tema.

3 – O PAPEL DO (A) PEDAGOGO (A) ACERCA DA SEXUALIDADE INFANTIL

Trabalhar a sexualidade infantil no contexto escolar é desafiador, pois gera uma necessidade de mudanças na prática pedagógica, que ao mesmo tempo expõe questões bastante delicadas sobre a temática. Nesse trabalho é preciso considerar que as crianças quando chegam à escola, trazem consigo experiências singulares acerca da sexualidade, causando a muitos/as professores/as sentimentos de dúvida, insuficiência e curiosidade sobre essas vivências.

A educadora infantil é figura de extrema importância no âmbito escolar, pois ela é o principal intermediário na educação dos pequenos, possibilitando a criança condições de crescimento interior continuado e duradouro.

A professora, em respeito aos pequenos, mesmo com toda a diversidade presente, precisa sempre estabelecer o diálogo, para que eles sejam expostos a vários conhecimentos advindos do outro, instigando o aluno a pensar e conseqüentemente, se comunicar. Para Freire (1996), todos nós temos capacidade de aprender, ensinar, conhecer. Sendo assim, o educador tem toda a possibilidade de executar a sua prática pedagógica, possibilitando o avanço da sua autonomia e a dos seus alunos.

Para se trabalhar com crianças é importante que o pedagogo busque conhecer como ocorre o desenvolvimento na primeira infância e como é o comportamento atual do aluno, pois “nenhuma das formações mentais infantis perece” (FREUD, 1975 apud MARTINS, s.d, p.3). A princípio, é importante revisitar a nossa infância, para que possamos entender o que se passa na mente do educando e só assim teremos a possibilidade de saber qual o verdadeiro papel e função de uma educadora. Ou seja, “(...) o professor deve confrontar-se com a sua própria infância, pois só assim poderá compreender a criança” (MARTINS, s.d, p.3).

O pedagogo precisa ter a consciência de que as manifestações sexuais das crianças ocorrem de forma natural e que fazem parte do desenvolvimento humano, assim como, observar que as distintas formas de expressão dos pequenos, podem indicar alguma curiosidade ou alguma dúvida acerca da sexualidade.

Existem muitas formas de manifestações sexuais entre as crianças, seja em ambiente escolar e familiar; são curiosidades, questionamentos e os jogos sexuais (brincadeiras que existam o toque e a visualização do corpo, como “brincar de médico”). A demonstração que as crianças mais utilizam é a masturbação, pois com ela,

as crianças exploram o corpo, respondendo a estímulos propriamente corporais e não a fatores externos, erotizados (NUNES; SILVA, 2000; MAIA, 2005; RIBEIRO, 2009).

A sexualidade se faz presente na nossa vida desde o nascimento, mas a grande maioria dos educadores detém o conceito de sexualidade apenas ao biológico, levando em consideração atividades de caráter higienista e de saúde. Através desta concepção, surge a confusão entre sexualidade e sexo. Desta forma, muitos docentes acabam acreditando que é somente na puberdade que se deve conversar com os alunos sobre sexualidade, resultando numa concepção baseada em preconceitos, tabus e teorias confusas. Porém, existem curiosidades que as crianças carregam acerca de suas experiências. Assim, segundo Nunes e Silva.

A prática de reprimir, inibir, de escamotear e esconder a expressão e a curiosidade da criança é responsável pela maioria das crises e contradições dos conflitos emocionais e sexuais de nossos adolescentes. [...]. Não há plausibilidade educacional em esperar um suposto tempo de maturação para abordar a sexualidade das crianças, acreditando que ‘quando chegar o tempo’, serão criadas as condições de diálogo e informação sobre o universo sexual e afetivo. É o mundo adulto a esfera institucional que deve oferecer esta alternativa e abrir esta perspectiva pedagógica. Não será possível falar com ressonância e respeito sobre sexualidade, amor, gratuidade e prazer, aos adolescentes se não foram construídas as pontes e suportes na infância. Não é possível acreditar que o acesso aos adolescentes será fácil e natural se durante todos os conflitos emocionais e afetivos de criança o pai ou educador mantivesse ausente, reticente relutante e indiferente (NUNES; SILVA 2000 p. 118-119).

As crianças estão muitas vezes, de forma inconsciente, demonstrando a sua sexualidade, fazendo perceber que sentem prazer, sensações e satisfação, isso é involuntário, sem nenhuma intenção, tudo acontece naturalmente. Aquino e Martelli (2012) declaram que as manifestações da sexualidade infantil acontecem nos mais variados espaços sociais e nas mais variadas situações.

A sexualidade, portanto, está presente no contexto escolar independente de como ela se apresenta, seja através de revistas, livros, internet. Faz-se necessário que os educadores reconheçam a sua existência, dialogando sempre que necessário de maneira apropriada com seus alunos. É o que enfatiza Braga (2002, p. 82),

[...] os/as educadores/as têm uma importância fundamental na vida de uma criança. Eles/as são os/as mediadores/as da aprendizagem formal, mas também são modelos de identificação sexual dos/as seus/suas alunos/as, pois assim como os/as pais/mães, transmitem – verbais ou não – verbalmente – informações sobre a sexualidade. A escola,

querendo ou não, interfere na construção da sexualidade de cada aluno. A sexualidade está presente também na escola, isso não se pode negar.

As crianças em alguns casos já chegam à escola com atitudes ligadas à sexualidade, que por vezes, causam nos educadores um grande sentimento de impotência e dúvidas quanto a sua ação. Sendo assim, a formação das professoras deveria propiciar vivências sobre sexualidade, enfatizando que buscar conhecimento sobre o tema não quer dizer somente, se deter às estruturas dos genitais, pois uma educação sexual focada somente nas genitálias concentra o prazer apenas nos genitais, insensibilizando o corpo inteiro (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p.50).

Segundo Louro (1998), não se pode excluir a sexualidade, quando se busca entender questões educacionais. Nesta perspectiva, é de suma importância que a escola se represente como um local sexualizado. Para Felipe (2011), ainda é muito difícil tratar de sexualidade com crianças, pois, tanto as famílias como os próprios professores têm uma concepção da criança como um ser puro, ingênuo e que deve ser protegido de todos os males.

Pela mesma razão, a sexualidade infantil ainda é um tema que traz bastante insegurança entre as educadoras, já que diante da espontaneidade com que as crianças demonstram a sua sexualidade, surgem muitas dúvidas no meio educacional, pois cada criança tem a sua particularidade, devendo ser tratada com bastante cuidado para que sua sexualidade se desenvolva de maneira natural, sem bloqueios. Além disso, por trás de cada criança existe uma família, que tem as suas convicções, culturas e crenças, que precisam ser respeitadas. A escola tem o papel de orientar respeitando as peculiaridades das famílias:

(...) o papel da escola é abrir espaço para que essa pluralidade de concepções, valores e crenças possa existir; não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece, antes, caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias (GAMBALE, 2004 p.144).

Muitas vezes, se imagina que o certo seria delegar a família essa tarefa de responder as curiosidades das crianças acerca da sua sexualidade, pelo simples fato deles serem a primeira referência de sexualidade dos pequenos, porém, em muitos casos, eles mesmos não possuem informações sobre sexualidade, e acaba-se

responsabilizando o educador nesta tarefa, sendo que é justamente essa falta de informação que também o impede de tratar dessas questões com os pequenos. Segundo Braga,

além da própria experiência pessoal, os (as) educadores (as) precisam de uma mudança de atitude, quererem aprender, abrirem-se ao desafio [...]. Necessitam participar de cursos, debates, grupos de estudos entre outras atividades de capacitação, possibilitando assim uma troca de experiências entre o grupo profissional (BRAGA, 2009, p.133).

Para Freud (1996 [1907]), ocultar questões de sexualidade à criança não passa de má consciência, pudor e ignorância do próprio educador, reforçando o pensamento de que a sexualidade só surge na adolescência, o que não procede. Ainda assim, muitos educadores tentam reprimir as manifestações de sexualidade infantil, pensando que esse impulso será extinto ou contido; puro engano, isso só aumentará cada vez mais. Desta forma, Freud (1908, p. 217) nomeou de “a primeira decepção da criança”, onde ela começa a suspeitar que o adulto lhe esconde algo proibido, resultando numa manutenção de segredos sobre as suas indagações futuras. Então, Freud conclui que ao invés do educador tentar reprimir os impulsos da sexualidade infantil, ele deve contribuir para que essas excitações se desviem do sexual, buscando canalizar para atividades culturais, atitude esta que o mesmo chama de "sublimação", reforçando ainda, que essa seria a única forma do educador evitar as neuroses e os problemas psíquicos.

Sendo assim, quando surgirem perguntas que envolva a sexualidade, Craidy e Kaercher (2001) enfatizam que a professora deve servir-se da oportunidade para elucidar as incertezas dos pequenos e que a educadora que trabalha na Educação Infantil tem que atentar sempre para a convivência com a criança, pois é de forma dialógica que a criança constrói a sua confiança, podendo usufruir das experiências sem receio, já que pode confiar em alguém, se sentindo protegido.

Oliveira (2000, p.2), indica como agir no momento da curiosidade infantil:

Quando uma criança pergunta, por exemplo, como o bebê foi parar na barriga da mãe não quer dizer que ela queira ou aguarde saber detalhes com relação ao ato sexual dos pais. Responder a criança de maneira simples, clara e objetiva satisfaz sua curiosidade. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto que a não satisfação ou o excesso de informações gera ansiedade e tensão.

Por fim, trabalhar a sexualidade no âmbito escolar ainda é bastante desafiador, pois os (as) educadores (as) em sua maioria sentem-se despreparadas para fazê-lo. Muitos não têm conhecimento suficiente acerca do tema e outros não conhecem a própria sexualidade para passar o entendimento correto a seus alunos. Então, a capacitação dos (as) professores (as) se mostra como um ponto importantíssimo para se trabalhar a sexualidade com os alunos, já que durante a sua formação geralmente não existe uma disciplina que abarque a temática. A educadora precisa do apoio da instituição onde trabalha para ampliar seus conhecimentos, através de cursos ou palestras. Não esquecendo que a família é de suma importância na educação sexual das crianças, por se tratar da primeira referência de sexualidade da mesma, sendo necessária a tríade família, escola e educador (a) em seu processo de descoberta.

Na sequência, trago a metodologia, com todos os procedimentos utilizados para a realização da minha pesquisa.

4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1-Tipo de Pesquisa

No presente trabalho, meu objetivo é conhecer a concepção de sexualidade das professoras da Educação Infantil, assim como saber como é a ação das educadoras diante da descoberta da sexualidade dos pequenos. Então, para chegar aos meus objetivos, foi desenvolvida uma pesquisa com abordagem qualitativa, que além de ser extremamente ampla e flexível, trabalha com dados subjetivos, crenças, valores, opiniões, fenômenos, hábitos (Gil, 1987).

4.2- Instrumentos e Sujeitos de Pesquisa

Realizei a coleta de dados com a aplicação de um questionário, que segundo Batista e Cunha (2007), se trata de uma abordagem bem vantajosa, pois, além da rápida aplicação, tem baixo custo, liberdade na utilização do tempo e ainda clareza nas perguntas e respostas.

Como se trata de um tema que traz certo receio e dúvidas para a maioria dos profissionais em educação, entendi que a aplicação do questionário seria uma forma mais discreta e confortável para que ficassem mais à vontade no momento de responder as questões. Solicitei às professoras a assinatura da TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), ao passo que lhes foi garantido o anonimato de suas respostas.

A princípio pensei em aplicar os questionários apenas com professoras de instituições públicas de Educação Infantil, mas tive a ideia de coletar informações de escolas particulares também, para poder fazer um pequeno comparativo da concepção e ação diante da sexualidade dos pequenos nos dois âmbitos escolares.

Então, foi realizada a aplicação dos questionários com seis professoras da Educação Infantil, sendo três de escola pública e três de escola particular; não me detive a nenhuma escola específica, a escolha foi aleatória e de acordo com a disponibilidade dos sujeitos.

Com relação à escola particular, fiz contato com algumas colegas que já trabalham na área, sendo que em escolas distintas; as mesmas aceitaram prontamente, então, organizei os questionários, entreguei e marquei o dia para recolhê-los. Apenas uma delas respondeu na minha presença; as demais levaram para ser respondido em casa.

Já na escola pública, me desloquei à instituição escolhida; chegando lá fui direcionada à Coordenação onde lá estavam a Coordenadora e a Psicóloga; me apresentei, informei o motivo da minha presença na escola e se eu poderia falar com algumas professoras, para que respondessem o questionário de minha pesquisa, para tanto, expliquei o tema e fui muito bem acolhida e prontamente fui encaminhada pela Psicóloga às salas de aula, onde fui apresentada a primeira professora que resolveu responder no mesmo momento e na sequência às outras duas; em todas elas não encontrei resistência em colaborar com a minha pesquisa.

4.2.1 – Identificação das professoras da escola particular

Pa1 – A professora em questão leciona em uma sala do infantil V, na qual atende seis alunos, na faixa etária dos cinco anos.

Pa2 - Essa educadora ensina na sala do Infantil II, onde atende oito alunos na faixa etária de dois anos e meio/três anos.

Pa3 – A educadora ensina na sala do Infantil IV, na qual atende 23 alunos na faixa de quatro anos.

4.2.2 – Identificação das professoras da escola pública.

Pu1 – A professora ensina em uma sala do Infantil V, com treze alunos na faixa etária de cinco anos.

Pu2 – A educadora leciona para doze crianças do Infantil III, atendendo a alunos na faixa dos três anos.

Pu3 – A professora ensina a quinze alunos no Infantil IV, todos na faixa dos quatro anos.

4.3 - Campo de Pesquisa

4.3.1 - Escola Particular

A aplicação do meu questionário se deu com três educadoras de escolas diferentes. Uma das instituições é uma escola pequena de bairro, a segunda é uma escola de grande porte que tem várias unidades espalhadas pela cidade, inclusive com

ensino integral, a terceira é uma instituição antiga, bem conceituada e bastante tradicional na cidade de João Pessoa/PB.

4.3.2. Escola Pública

A instituição escolhida fica anexa a uma Universidade Federal, que atende aos filhos de alunos e de funcionários da mesma. A referida escola é bem estruturada, tem várias salas de Educação Infantil, escolhi a mesma, pelo fato de fazer parte da instituição na qual faço minha graduação, desta forma, imaginei ser mais fácil conseguir a cooperação das professoras por a escola ser aberta a pesquisas da Universidade.

4.4 – Análise de dados

Dando prosseguimento ao percurso metodológico, trago a análise dos dados coletados a partir dos resultados obtidos com a aplicação do questionário com professoras da Educação Infantil. As respostas aqui trazidas, irão me direcionar até o objetivo principal da minha pesquisa, que é conhecer a concepção de sexualidade das professoras da Educação Infantil, assim como, especificamente, buscar relatos vividos por elas junto às crianças nesse processo de descoberta e relatar situações vivenciadas pelas professoras relativas à questão da sexualidade entre crianças da Educação Infantil. Para a apresentação desses dados os mesmos foram distribuídos em quadros com as respostas de cada professora. Após cada questão, haverá uma breve discussão em torno das respostas mais relevantes e ligadas diretamente com o tema.

4.5 – Quadros comparativo de dados coletados.

QUADRO 1

As duas primeiras questões do questionário tiveram como objetivo conhecer a formação acadêmica e quanto tempo às professoras atuam na Educação Infantil.

Questão 01: Qual a sua formação acadêmica?

Educador (a)	
Pa 1	Magistério, concluinte de Pedagogia.
Pa 2	Graduada em Pedagogia.
Pa 3	Graduada em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia.
Pu 1	Graduada em Pedagogia
Pu 2	Pós-graduada em ciências das religiões.
Pu 3	Pós-graduada em Educação Infantil.

QUADRO 2

Questão 02: Há quanto tempo leciona na Educação Infantil?

Educador (a)	
Pa 1	Apenas 06 meses como professora substituta.
Pa 2	2 anos.
Pa 3	4 anos.
Pu 1	10 meses.
Pu 2	Há mais de 15 anos.
Pu 3	22 anos.

QUADRO 3

Nesta questão, procuro conhecer a concepção de sexualidade infantil das professoras que participaram da pesquisa.

Questão 3: Qual a sua concepção de sexualidade?

Educador (a)	
Pa 1	Algo que todos nós nascemos, mas desenvolvemos ao longo de nossas vidas e firmamos apenas na vida adulta.
Pa 2	Algo natural experimentado por todos.
Pa 3	Na maioria das vezes, ao se falar em sexualidade, muitas pessoas relacionam exclusivamente ao sexo, porém a sexualidade vai bem além desse ato. Nosso corpo é fonte de prazer, porém não se sente prazer apenas através do sexo, o prazer pode-se sentir pelo simples fato de se alimentar.
Pu 1	Um processo subjetivo de expressão e sentimentos que se refere à constituição da identidade do ser humano. Se dá desde o nascimento e envolve outras questões, do corpo em desenvolvimento, descoberta das sensações, prazer, no entanto, não remete ao sexo, nem a eroticidade.
Pu 2	A sexualidade é uma concepção ligada diretamente as nossas necessidades biológicas desde que nascemos. Para mim é o processo mais natural do ser humano.
Pu 3	A sexualidade está na forma como cada individuo se comporta para se expressar sexualmente e também para alcançar a sua satisfação sexual.

As participantes da pesquisa trouxeram em suas respostas uma concepção de sexualidade bem ampla. Contudo, a concepção apresentada pela professora Pu2 em que afirma que “A sexualidade é uma concepção ligada diretamente as nossas necessidades biológicas desde que nascemos. Para mim é o processo mais natural do ser humano”, foge em boa parte do que declara Nunes e Silva (2006, p. 73), onde afirma que “A sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas”.

Destaco também a resposta da educadora Pa2 que diz ser a sexualidade “Algo natural experimentado por todos”. Como frisa Suplicy (1999), “nascemos todos seres sexuais; no bebê a sexualidade é tão espontânea como a capacidade de sugar o seio materno ou a mamadeira e mais tarde, andar e falar” (SUPLICY, 1999. p.18); nessa direção, também destaco a resposta da professora Pu1 em que conceitua a sexualidade da seguinte maneira: “Um processo subjetivo de expressão e sentimentos que se refere à constituição da identidade do ser humano. Se dá desde o nascimento e envolve outras questões, do corpo em desenvolvimento, descoberta das sensações, prazer, no entanto, não remete ao sexo, nem a eroticidade”. Tais ideias se aproximam bastante do que cita Camargo:

A sexualidade humana, mais do que o ato sexual e a reprodução, abrange as pessoas, seus sentimentos e relacionamentos. Implica aprendizados, reflexões, planejamentos, valores morais e tomadas de decisão. A sexualidade é uma energia forte e mobilizadora, uma dimensão da expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade (CAMARGO, 1999, p.50).

QUADRO 4

Neste quesito, procuro saber se as educadoras acreditam que as crianças tem sexualidade.

Questão 4: Segundo seus conhecimentos, as crianças tem sexualidade? Explique.

Educador (a)	
Pa 1	No que diz respeito às crianças, algo que nasce com elas, mas é desenvolvida aos poucos, atingindo sua maturidade apenas na adolescência.
Pa 2	Todos somos seres sexuados.
Pa 3	Sim! A sexualidade se desenvolve desde os primeiros dias de vida.
Pu 1	A sexualidade consiste em percepções de sentidos, manifestações e descobertas sexuais e do prazer que envolve curiosidade pelo seu corpo e o corpo do outro.
Pu 2	Eles já trazem de casa todo um conceito de divisão, esse é menino, essa é menina. Principalmente relacionado a cores.
Pu 3	A sexualidade nas crianças existe, mas está mais voltada a curiosidade. As diferenças de sexo ficam mais visíveis. O menino já conhece as diferenças como também as meninas. Observo também que dos 4 a 5 anos já começam a classificar na concepção deles, ainda que seja de forma simples, o que é de homem ou de mulher. Existe o toque no

	corpo do outro, o abraço e as preferências pela companhia de uma ou outra criança. Portanto, a sexualidade infantil é sim presente nas crianças, mas não de forma sexual, mas sim voltada para a curiosidade, o gostar da companhia, da amizade. Ainda nada de sexo, ou seja, do ato em si.
--	---

As educadoras foram unânimes em declarar que as crianças tem sexualidade, conforme aponta à educadora Pa3: “A sexualidade se desenvolve desde os primeiros dias de vida”. Então, fica claro que para entendermos as condições da sexualidade infantil é indispensável saber que o ser humano já nasce com a sua sexualidade e ela se desenvolve através da convivência com os pais e a família e com o passar do tempo; a mesma vai se revelando de várias formas e se institui por meio deste convívio com o/os outro/os, concebendo-se através de modelos desenvolvidos no decorrer da sua história, considerada “como expressão plena da identidade humana” (BONFIM, 2009), tornando-se única em cada ser.

QUADRO 5

Em continuidade à minha pesquisa, no próximo quadro, exponho as opiniões das professoras acerca dos questionamentos sobre a sexualidade infantil trazido pelos pequenos.

Questão 5: Enquanto professora você já se deparou com algum tipo de questionamento das crianças acerca de questões que envolvem a sexualidade? Qual foi a questão? O que você respondeu?

Educador (a)	
Pa 1	Na Educação Infantil não, apenas no Ensino fundamental.
Pa 2	Um aluno me perguntou: de onde vêm os bebês? Como resposta, desfoquei a atenção da criança e me saí do questionamento.
Pa 3	Até o momento nunca fui questionada sobre tal questão.
Pu 1	Um menino de cinco anos é muito próximo das meninas, sempre fala que quer beijar na boca de uma colega da mesma idade. Ao me deparar com a situação, agi naturalmente e questionei se crianças namoram? Se criança beija na boca? Tentando provocar uma reflexão e acrescentando que namorar é bom, beijar também, no entanto é uma prática dos jovens e adultos e não de crianças, porque crianças brincam, estudam, dentre outras coisas.
Pu 2	Porque os adultos se casam? Ora, papai e mamãe se casaram para quê? Respondi, para você nascer e ser o maior presente da vida de seus pais. E aí, você também irá ter seus presentes de Deus, seus filhos.
Pu 3	Curiosidade em saber o que é de menino e o que é de menina. A

questão do brinco. Respondi que quando crescesse e se os pais permitissem poderia usar.

Pelo exposto, as educadoras, em sua maioria já experimentaram a situação em que os pequenos trazem questões acerca da sexualidade, onde a mais frequente é: “de onde vêm os bebês?” Sabe-se que todas essas dúvidas são normais, já que por volta dos três a cinco anos, se inicia a curiosidade infantil com o querer saber e também, com indagações sobre as questões sexuais (FREUD, 2006, apud SILVEIRA, 2010). Essas questões das crianças com relação à origem dos bebês ou as diferenças sexuais anatômicas que existe entre o seu corpo e dos colegas, são ligadas apenas à curiosidade, não existindo ainda a consciência genital da sexualidade (FREUD, 1908).

Diante da curiosidade das crianças, muitas vezes a educadora tem dúvidas de como agir ou não sabe exatamente o que fazer e acaba se omitindo, como aconteceu no relato da educadora Pa2: “Um aluno me perguntou: de onde vêm os bebês? Como resposta, desfoquei a atenção da criança e me saí do questionamento”. Mas, Oliveira (2000, p.2), indica como agir no momento da curiosidade infantil:

Quando uma criança pergunta, por exemplo, como o bebê foi parar na barriga da mãe não quer dizer que ela queira ou aguarde saber detalhes com relação ao ato sexual dos pais. Responder a criança de maneira simples, clara e objetiva satisfaz sua curiosidade. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto que a não satisfação ou o excesso de informações gera ansiedade e tensão.

Em seu relato, a professora Pu3 revela qual indagação mais lhe chamou atenção em sala: “Curiosidade em saber o que é de menino e o que é de menina. A questão do brinco. Respondi que quando crescesse e se os pais permitissem poderia usar”. Os pequenos na sua busca de se conhecer iniciam um processo de investigação, buscando explorar o meio e seu próprio corpo,

A interação ativa da criança com o espaço, com os outros e com os objetos permite-lhe conhecer a realidade e a própria identidade. A criança se desloca manipula, age. [...] movimento e ação são a base para a formação da personalidade e incidem na forma de assimilar o mundo, representá-lo e participar dele (BATISTA, 2008, p. 89).

Deste modo, a resposta trazida pela educadora Pu2: “Porque os adultos se casam? Ora, papai e mamãe se casaram para quê? Respondi, para você nascer e ser o maior presente da vida de seus pais. E aí, você também irá ter seus presentes de Deus, seus filhos”, vem reforçar que a criança inicia a aquisição das primeiras informações sobre sexualidade, verbais ou não verbais, através de suas observações e vivências com a família, pois as crianças tem uma excelente percepção das ações e intenções que acontecem a sua volta. Confirmando o que foi escrito, Souza e Osório afirmam:

[...] como em todos os aspectos de sua vida, a criança aprende mais observando e copiando as atitudes dos pais ou figuras substitutas do que obtendo informações tiradas dos manuais, sem nenhuma confirmação tirada na prática diária (SOUZA e OSÓRIO, 1993, p.13).

As professoras trouxeram respostas bem diferenciadas com relação à curiosidade dos pequenos, mas no meu entendimento quase não houve semelhança entre elas, pois, ao passo que a professora Pa2 se esquivou da questão, as outras duas (Pu2 e Pu3) responderam as indagações dos pequenos.

QUADRO 6

O teor desta questão procura obter relatos das professoras, em momentos que a sexualidade das crianças ficou em evidência e ainda explicar como foi a sua atuação no dado momento.

Questão 6: Você já presenciou alguma situação em que a sexualidade infantil ficou evidente? Qual foi a sua atitude?

Educador (a)	
Pa 1	Com dois alunos do fundamental I, um de 7 e outro de 9 anos.
Pa 2	Tentei não dar muita atenção ao caso e desfoquei à atenção da criança.
Pa 3	Certa vez presenciei uma aluna tocando no seu órgão sexual, nesse momento tentei manter a atenção da criança em outra ação sem repreendê-la.
Pu 1	Dois meninos foram juntos ao banheiro e na volta, um deles estava indignado e constrangido porque o outro estava olhando/observando para seus órgãos por baixo da porta. Tentei acalmá-lo e conversei com os dois, nesse momento enfatizei a importância de respeitar a privacidade. Percebi uma curiosidade pela descoberta do corpo do outro.
Pu 2	Carícias entre duas crianças de sexo diferentes, chamando de namorado

	(a) e querendo beijar na boca. Falei que beijo na boca, só quando forem adultos.
Pu 3	Não, nunca presenciei nada tão extremo.

Nesta questão, foi abordada uma situação que ocorre com bastante frequência em salas de Educação Infantil, que são as demonstrações de sexualidade dos pequenos. Percebe-se que em sua maioria, as educadoras já vivenciaram em algum momento, atos de sexualidade por parte das crianças, se tornando algo corriqueiro para elas, porém, não menos desafiador. Então, para se trabalhar com crianças é importante que a Pedagoga busque conhecer como ocorre o desenvolvimento na primeira infância e como é o comportamento atual do aluno, pois “nenhuma das formações mentais infantis perece” (FREUD, 1975 apud MARTINS, s.d, p.3). Para Felipe (2011), ainda é muito difícil tratar de sexualidade com crianças, pois, tanto as famílias como muitos professores têm uma concepção da criança como um ser puro, ingênuo e que deve ser protegido de todos os males.

Em muitos casos, as educadoras acabam reprimindo as manifestações de sexualidade das crianças, como é o caso da fala da educadora Pu2 que diz: “Carícias entre duas crianças de sexo diferentes, chamando de namorado (a) e querendo beijar na boca. Falei que beijo na boca, só quando forem adultos”. Desta forma, muitos docentes acabam acreditando que é somente na puberdade que se deve conversar com os alunos sobre sexualidade, resultando numa concepção baseada em preconceitos, tabus e teorias confusas. Porém, existem curiosidades que as crianças carregam acerca de suas experiências. Assim, segundo Nunes e Silva.

A prática de reprimir, inibir, de escamotear e esconder a expressão e a curiosidade da criança é responsável pela maioria das crises e contradições dos conflitos emocionais e sexuais de nossos adolescentes. [...]. Não há plausibilidade educacional em esperar um suposto tempo de maturação para abordar a sexualidade das crianças, acreditando que ‘quando chegar o tempo’, serão criadas as condições de diálogo e informação sobre o universo sexual e afetivo. É o mundo adulto a esfera institucional que deve oferecer esta alternativa e abrir esta perspectiva pedagógica. Não será possível falar com ressonância e respeito sobre sexualidade, amor, gratuidade e prazer, aos adolescentes se não foram construídas as pontes e suportes na infância. Não é possível acreditar que o acesso aos adolescentes será fácil e natural se durante todos os conflitos emocionais e afetivos de criança o pai ou educador mantivesse ausente,

reticente relutante e indiferente (NUNES; SILVA 2000 p. 118-119).

Algumas educadoras que ainda têm dúvidas de como agir diante das expressões da sexualidade das crianças, acabam desviando a atenção dos pequenos sem adentrar no que está ocorrendo, como aconteceu no relato da educadora Pa3: “Certa vez presenciei uma aluna tocando no seu órgão sexual, nesse momento tentei manter a atenção da criança em outra ação sem repreendê-la”. Este relato, em minha opinião, tem estreita relação com a conclusão de Freud (1908, p. 217), que ao invés do educador tentar reprimir os impulsos da sexualidade infantil, ele deve contribuir para que essas excitações se desviem do sexual, buscando canalizar para atividades culturais. Atitude esta que o mesmo chama de "sublimação", reforçando ainda, que essa seria a única forma do educador evitar problemas psíquicos.

A sexualidade, portanto, ainda é um tema que traz bastante insegurança por parte das educadoras, pois, as famílias, com todas as suas convicções, culturas e crenças, precisam ser respeitadas. A escola tem o papel de orientar respeitando as peculiaridades das famílias:

(...) o papel da escola é abrir espaço para que essa pluralidade de concepções, valores e crenças possa existir; não compete á escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece, antes, caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias (GAMBALE, 2004 p.144).

QUADRO 7

Agora, pretendo conhecer a opinião das professoras sobre quais as competências necessárias ao (a) professor (a), para lidar com a sexualidade dos pequenos.

Questão 7: Em sua opinião, quais as competências necessárias ao professor para lidar com a sexualidade na pequena infância?

Educador (a)	
Pa 1	Uma formação mínima (ao menos uma disciplina) que trate da temática.
Pa 2	Eu acredito que falta nos cursos de licenciatura, uma cadeira obrigatória sobre a temática, para assim, os professores entenderem melhor esse universo.

Pa 3	O educador precisa possuir um conhecimento acerca do assunto, para saber lidar com possíveis situações. Dessa forma, o assunto não se tornará um tabu ou trará traumas para vida da criança.
Pu 1	Escuta, diálogo e ter conhecimento sobre o assunto.
Pu 2	Contar histórias que falem do que pode ou não entre as crianças em relação como é vista a sexualidade em sua idade. Às vezes as crianças querem imitar os adultos, em carícias, vendo seus pais em situações íntimas.
Pu 3	Não ter nenhum bloqueio psicológico. Ser livre de qualquer tipo de preconceito. Procurar constantemente ler teóricos e pesquisadores desta área.

Acerca dessa questão, apresento o que escreveu a educadora Pa3: “o educador precisa possuir um conhecimento acerca do assunto, para saber lidar com possíveis situações. Dessa forma, o assunto não se tornará um tabu ou trará traumas para vida da criança”. Percebe-se que, segundo ela para se trabalhar com a educação sexual, é importante que o profissional seja capacitado para atuar em salas mistas, com diversos conceitos, contextos e experiências vividas por cada aluno. Fatos até então desconhecidos dos currículos, que propiciam aos educadores novos episódios que demandam novos saberes.

Desse modo, os conhecimentos teóricos não devem ser os únicos a serem trabalhados na formação dos professores (as). Como explica Camargo (1999, p. 51-52) “implica o despertar de suas potencialidades, favorecendo a expressão de sua criatividade, de sua sensibilidade. [...] tanto do ensinante quanto do aprendiz”. Sendo de suma importância que os (as) Professores (as) se disponham a discutir o tema.

QUADRO 8

A questão oito faz uma indagação sobre quais fatores que as educadoras entendem que estão contribuindo para a o desenvolvimento da sexualidade infantil.

Questão 8: Que fatores contribuem para o desenvolvimento da sexualidade infantil na atualidade? Como você os analisa?

Educador (a)	
Pa 1	Além da falta de comprometimento dos pais, a mídia que expõe cada vez mais cedo nossas crianças a conteúdos que as erotizam, mesmo que elas não tenham consciência de seus atos.
Pa 2	A mídia influencia muito na adultização das crianças, fazendo com que as mesmas desenvolvam atitudes de sexualidade precocemente.

Pa 3	A mídia tem trazido conteúdos diversos, muitas vezes inadequados para crianças, os pais muitas vezes, por falta de tempo ou atenção, deixam as crianças expostas a esses conteúdos sem controle.
Pu 1	A mídia e o processo de globalização tem “incentivado” o desenvolvimento da sexualidade no sentido de acesso precoce a informações, imagens e atos que na maioria dos casos erotizam o corpo. Mesmo sabendo que é algo intrínseco da pessoa, mas a ideia é que as descobertas aconteçam e o desenvolvimento se dê paulatinamente, de acordo com o nível de desenvolvimento e a faixa etária que a criança se encontra.
Pu 2	Como já citei, através dos pais em carícias íntimas na frente das crianças, programas televisivos não recomendados para a idade deles; revistas proibidas para menores com fácil alcance, brincadeiras ou brincar na casa de vizinho sem ter seus pais por perto e outros.
Pu 3	Os meios de comunicação tem tido um papel negativo no desenvolvimento da sexualidade infantil. Principalmente a internet e acesso fácil a todo tipo de conteúdo.

A mídia apareceu em praticamente todas as respostas, indicando que ela tem influência sobre o desenvolvimento da sexualidade da criança, como na fala da professora Pa2: “A mídia influencia muito na adultização das crianças, fazendo com que as mesmas desenvolvam atitudes de sexualidade precocemente”.

Com isso, a professora se aproxima do pensamento de Buckingham e Bagg (2004), que afirmam que a cultura da mídia e do consumo desencadeia a ampliação das experiências das crianças com a sexualidade, trazendo como consequência a perda da inocência, seguida da fragilização dos limites entre a infância e a vida adulta. Atualmente, as mídias eletrônicas fazem parte das experiências culturais da infância, sendo muito difícil afastá-las das mesmas, já que destroem os limites entre a infância e o mundo adulto (BUCKINGHAM, 2007).

QUADRO 9

Finalizando, nesta indagação tive o interesse de me informar se as professoras fizeram algum curso ou especialização da área da temática em questão.

Questão 9: Você fez alguma especialização ou algum curso na área que envolve a temática? Sim () ou Não ()? Se a resposta for afirmativa, qual?

Educador (a)	
Pa 1	Não. Mas, mesmo assim, paguei a disciplina de Educação Sexual, ofertada no curso de Pedagogia por considerá-la necessária.

Pa 2	Não.
Pa 3	Não.
Pu 1	Não. Insipiência na formação inicial e continuada dos professores da Educação Básica.
Pu 2	Não.
Pu 3	Não.

Como se vê no quadro anterior, as professoras em sua maioria não fizeram nenhum curso ou especialização que envolvesse a temática; talvez esse seja um dos motivos pelo qual as professoras têm dificuldades com as questões de sexualidade trazidas por seus alunos. Reforço que é de suma importância que as professoras façam cursos ou especializações na área em questão, pois, se trata de um tema bastante pertinente na educação. Portanto, para se trabalhar com a educação sexual, Camargo (2007) enfatiza que é importante que o profissional seja capacitado para atuar em salas mistas, com diversos conceitos, contextos e experiências vividas por cada aluno, fatos até então desconhecidos dos currículos, que propiciam aos educadores novos episódios que demandam novos saberes.

Por fim, com a análise dos dados coletados e diálogos com autores que tratam do tema, fica evidente que as professoras da Educação Infantil, têm certo conhecimento sobre a sexualidade infantil e acreditam em sua existência. Assim como, as questões que envolvem sexualidade em salas de aula, seguida das manifestações são bastante evidentes e acontecem frequentemente, o que muitas vezes deixam as educadoras inseguras e receosas de responder ou atuar nessas questões. Sendo assim, há a necessidade dos professores se especializarem, para que possam atuar na sua profissão com bastante clareza e propriedade em sua atuação.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, que teve como objetivo central conhecer as concepções de sexualidade por parte das professoras de Educação Infantil possibilitou uma maior aproximação com a questão da sexualidade infantil. Sendo assim, para se chegar a esse fim, houve a necessidade de trazer uma breve discussão a respeito da sexualidade humana, que é algo inerente ao ser humano e de suma importância para o seu desenvolvimento. Para a realização do trabalho foi trazido ao seu contexto, conceitos acerca do desenvolvimento da sexualidade infantil, assim como algumas teorias sobre gênero e sua descoberta por parte das crianças, contemplando também a respeito do papel do pedagogo a luz de teóricos que tratam da temática.

Para chegar aos resultados, foram realizados questionários com seis professoras, sendo três de escolas públicas e três de escolas particulares, que em sua estrutura contemplou em especial questões sobre a concepção de sexualidade infantil, por parte das professoras da Educação Infantil, assim como, relatos de demonstração de sexualidade dos alunos presenciada por elas em salas de aula.

Os resultados desta pesquisa foram bastante satisfatórios, visto que as educadoras em sua totalidade detém certo conhecimento acerca da sexualidade infantil e em sua maioria, já vivenciaram demonstrações de sexualidade por parte dos alunos, tanto que em seus relatos percebe-se que cada uma delas tem a sua forma de atuar diante de tais eventos. Revelou-se ainda que a mídia estivesse influenciando e ao mesmo tempo contribuindo para a adultização da criança. Outra questão observada é em relação ao desenvolvimento da sexualidade da criança, sendo um processo comum aos dois âmbitos escolares.

Realizar esta pesquisa foi de grande valia para mim, pois me trouxe resultados esclarecedores e aprendizados riquíssimos, primeiro com relação aos conceitos de sexualidade e sexualidade infantil, que para mim ainda não eram muito claros, depois, a aplicação dos questionários, conversar com as professoras e aprender com as experiências delas; foi muito proveitoso para a mim, como futura Pedagoga.

Acredito que este trabalho ajudará muitos profissionais da educação, alunos de graduação e pessoas que tenham interesse pela temática a esclarecerem suas dúvidas, complementar suas pesquisas ou até mesmo a partir da leitura do mesmo, ser instigado a buscar mais informações sobre a temática, como foi o meu caso.

Por fim, o meu objetivo principal com este trabalho, foi alcançado, pois com todas as professoras obtive respostas claras acerca do conceito de sexualidade infantil e sua existência na vida da criança. Para mim, houve o esclarecimento de dúvidas relacionadas à temática, assim como, através das respostas das professoras, pude identificar como está acontecendo essa prática em sala de aula e onde estão as maiores dificuldades de atuação relacionadas com o tema.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Regina Lucia Brandão. **Educando o corpo: esse desconhecido**. Revista Amae e Educando. Belo Horizonte: n. 271, out. 1997.
- AQUINO, Camila; MARTELLI, Andrea Cristina. **Escola e educação sexual: uma relação necessária**. UNIOESTE: IX ANPED Sul – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul; 2012.
- ARCARI, Caroline. **Guia do professor. Educação sexual para crianças de 0 a 10 anos**. Disponível em: <http://www.radiomargarida.org.br/wp-content/uploads/guiadoprofessor.pdf>. Acesso em 30/08/2017.
- BATISTA, Cleide V. M. **Entre fraldas, mamadeiras, risos e choros: por uma prática educativa com bebês**. Londrina, Maxiprint, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil: Formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.2.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias, uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 229-239.
- BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G.; Polydoro, Soely. **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BAPTISTA, S. G; CUNHA, M. B. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 168-184, maio/ago. 2007.
- BATISTA, Cleide V. M. **Entre fraldas, mamadeiras, risos e choros: por uma prática educativa com bebês**. Londrina, Maxiprint, 2009.
- BOMFIM, Sandra Souza. **Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão**. Salvador, 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-SANDRA-SOUZA-BOMFIM.pdf>. Acesso: 17/10/2017.
- BRAGA, E.R.M. **Sexualidade Infantil: Uma investigação acerca da Concepção das Educadoras de uma Creche Universitária sobre Educação Sexual**. Assis – SP. UNESP – Universidade Estadual Paulista/Campus Assis, Mestrado (Dissertação), 2002.
- _____. **Sexualidade infantil: a importância da formação de professores (as) na questão de gênero**. In: Educação no século XXI: Múltiplos desafios/ Sandra Regina Cassol Carbello, Sueli Ribeiro Comar (organizadoras). Maringá: Eduem, 2009.
- BRITZMAN, Deborah R. **Sexualidade e cidadania democrática**. In: SILVA, Luiz Heron. A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 154-171.

BUCKINGHAM, David; BRAGG, Sara. **Young People, Sex and the Media: The Facts of Life?** London: Palgrave Macmillan, 2004.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas.** São Paulo: Loyola, 2007.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade (s) e Infância (s): A sexualidade como um tema transversal.** São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

_____. **Sala de Aula e Cotidiano Escolar.** In: Cotidiano Escolar – emergência e invenção. Ana Maria Faccioli de Camargo e Márcio Mariguela (orgs.). Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

Cordeiro, M. (2012). **O desenvolvimento da Sexualidade Infantil.** Revista Pais e Filhos. Disponível em 6 de Outubro de 2015.

http://www.paisefilhos.pt/index.php/opiniaio/mario-cordeiro/1393-o-desenvolvimento-da-sexualidade-infantil&sa=U&ved=0CC0QFjAHOMgBahUKEwjH0JjgsP7HAhWGND4KHV-XAZk&usg=AFQjCNHZmmATLZhL4e_Se7ykopROzju06g?showall=1

Acesso em: 12/10/2017.

EGYPTO, Antônio Carlos. **Orientação Sexual na Escola: um projeto apaixonante: o projeto de orientação na escola.** (org). Clara Regina Rappaport. São Paulo. EPU, 1981. 144 p.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2011, 7ª. Ed, p. 53-65.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.** Londrina: Eduel, 2006.

FINCO, Daniela (2003). **Relações de gênero e as brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil.** Dossiê Gênero e Infância da Revista Pró-posições, n. 42, dez.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, 2: O Uso dos Prazeres.** 5.ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, ed. Paz e Terra, 1996.

FREUD (1913) **O interesse científico da psicanálise.** ESB, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

_____. **Teorias sexuais infantis**. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 9. pp.121-123. Trabalho original publicado em 1908. 1979.

_____. **Três ensaios sobre as teorias da sexualidade**. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1982.

_____. (1996). **O esclarecimento sexual das crianças** (M. A. M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. IX, pp. 137-149). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1907).

_____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Ed. Standart Brasileira. v. XI, p. 234. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GAMBALE, Carina Alvares. **O trabalho de sexualidade na escola e os pais. Casa do psicólogo**. São Paulo, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** – 1ª edição. São Paulo: Atlas, 1987.

LOPES ,Gerson e MAIA, Mônica. **Conversando com a criança sobre sexo - Quem vai responder?** Belo Horizonte: Autêntica/ Fumec, 2001.

LOURO, G. "**Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares**". In: Luiz Heron Silva (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998: 33-47.

MAIA, Ari Fernando. (Orgs.). **Sexualidade e infância**. Cadernos CECEMCA. São Paulo, Unesp; Brasília: MEC, SEF, 2005.

MANGOLD, Maritânia; et. al. **Sexualidade na Infância**. 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/141873864/SEXUALIDADE-INFANTIL>>. Acesso em: 10/09/2017.

MARCONDES, K. A. **Sexualidade infantil: considerações relevantes para o trabalho pedagógico**. 1992. Disponível em: <http://docplayer.com.br/18421267-Sexualidade-infantil-consideracoes-relevantes-para-o-trabalho-pedagogico.html>. Acesso em: 09/10/2017.

MARTINS, M. R. (s.d.). **(Im) possibilidade de conexão entre psicanálise e educação**. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0243.pdf>. Acesso em 20/10/2017.

MASTERS, William. H.; JOHNSON, Virgínia E.; KOLODNY, Robert C. **O relacionamento amoroso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

NUNES, César. SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**. Campinas: Autores associados, 2000.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP, Papirus, 1987.

NUNES, César. SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança: Subsídios Teóricos e Propostas Práticas para uma Abordagem da Sexualidade para além da Transversalidade**. Campinas, SP. Autores Associados. 2006. (coleção polêmicas do nosso tempo).

OLIVEIRA, Nina Eira Dias de. **Sexualidade Infantil**. 2000. Disponível em: <http://www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/sexualidade.html> . Acesso em: 18/09/2017.

Pantoni, R., Piotto, D., & Vitoria, T. (1998). **Conversando sobre Sexualidade**. In **Os Fazeres na Educação Infantil** (pp. 63-67). São Paulo: Cortez Editora.

RÉ, M. I. (2007). **Educação Sexual na Infância (Um desafio possível)**. Lisboa: Ediba.

RIBEIRO, Marcos. **Conversando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2009.

RIBEIRO, P. R. M. Momentos históricos da Educação Sexual no Brasil. In: **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 15- 25.

ROCHE, Fernanda. **Sexualidade infantil**. 2007. Disponível em: <http://espacomorumbi.com.br/modules/news/article.php?storyid=103>. Acesso em: 17/10/2017.

SILVA, E. **A Educação Sexual da Criança**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.

SILVA, Maria Cécilia Pereira da. **Sexualidade começa na infância**. Casa do psicólogo. São Paulo, 2004.

SILVEIRA, J. M. 2010. **Manifestações da sexualidade da criança na educação infantil: estranhamentos e desafios**, p. 77. Goiânia. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás – UCG. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1259/1/JENNIFER%20MARTINS%20OSILVEIRA.pdf>. Acesso em: 19/10/2017.

SOUZA, R.P & OSÓRIO, L.C. (1993). **A Educação Sexual de Nossos Filhos-Uma Visão Contemporânea**. Porto Alegre: Mercado Aberto.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu: o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos**. São Paulo: FTD, 1999.

VASCONCELLOS, V. M. R. de. **Apresentação: infâncias e crianças visíveis**. SARMENTO, M. J. (Org.). *Infância (in)visível*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007, p. 7-23.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora: Adriana Gomes de Lima Cavalcanti

Pesquisadora principal: Prof^a Dr^a Nádia Jane de Sousa

Título da pesquisa: Sexualidade Infantil: Concepções e práticas de professores (as) da Educação Infantil.

Caro participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada “Sexualidade Infantil: Concepções e práticas de professores (as) da Educação Infantil”, que se refere a um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso da participante da Graduação, o qual pertence ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. O objetivo geral deste estudo é Analisar a concepção do (as) professores (as) sobre a sexualidade infantil, bem como, buscar relatos vividos por eles (as) junto aos alunos neste processo de descoberta no qual trará, além disso, informações de como está ocorrendo à ação do (a) Pedagogo (a) nas salas de Educação Infantil.

Sua forma de participação consiste em responder ao questionário.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante seu anonimato.

Não será cobrado nada; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; não estão previstos ressarcimentos ou indenizações; não haverá benefícios imediatos na sua participação. Os resultados contribuirão para a formação e atuação do (as) Pedagogos (as).

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim, o preferir.

Desde já agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com a responsável pela pesquisa Adriana Gomes de Lima Cavalcanti, por telefone (83) 98777-0459 ou por e-mail cadriana40@yahoo.com.br.

Eu confirmo que *Adriana Gomes de Lima Cavalcanti*, explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este termo de consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

João Pessoa, 23 de outubro de 2017.

(Assinatura do
participante)

QUESTIONÁRIO APLICADO

Senhor (a) Professor (a),

Meu nome é Adriana Gomes de Lima Cavalcanti, sou aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, solicito gentilmente sua colaboração no Trabalho de Conclusão de Curso, para que responda o questionário proposto abaixo.

Este questionário tem o objetivo de levantar dados para a pesquisa de campo, acerca do tema: Sexualidade Infantil: concepções e práticas dos (as) professores (as) da Educação Infantil. Não é necessária a sua identificação e suas respostas serão resguardadas.

1 – Qual a sua formação acadêmica? _____

2 – Há quanto tempo leciona na Educação Infantil? _____

3 – Qual a sua concepção de sexualidade?

4 – Segundo seus conhecimentos, as crianças tem sexualidade? Explique.

5 – Enquanto professora você já se deparou com algum tipo de questionamento das crianças acerca de questões que envolvem a sexualidade? Qual foi a questão? O que você respondeu?

6 – Você já presenciou alguma situação em que a sexualidade infantil ficou evidente? Qual foi a sua atitude?

7 – Em sua opinião, quais as competências necessárias ao professor para lidar com a sexualidade na pequena infância?

8 – Que fatores contribuem para o desenvolvimento da sexualidade infantil na atualidade? Como você os analisa?

9 – Você fez alguma especialização ou algum curso na área que envolve a temática?
Sim () ou Não ()? Se a resposta for afirmativa, qual?
